



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGGE | UFPel

APRESENTAÇÃO | Dossiê Alfabetização e docência em tempos de pandemia

**Alfabetização e docência em tempos de
pandemia**

Literacy and teaching in pandemic times

*Alfabetización y enseñanza en tiempos de pandemia*Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo
Gilceane Caetano Porto

Desde março de 2020, o mundo convive com a pandemia da COVID-19, situação que afetou a educação em todo o planeta, especialmente os processos de alfabetização de crianças. A pesquisa do coletivo AlfaRede, iniciada em junho de 2020, acompanhou, por meio de *survey* e de grupos focais, os processos de ensino remoto da alfabetização em diferentes estados brasileiros de todas as regiões, em contextos urbanos e no campo, com o foco na escola pública.

Muitos dos achados da pesquisa são publicados neste Dossiê e revelam, com minúcias, os desafios enfrentados pelas alfabetizadoras em todo o país. Os resultados desses estudos evidenciaram, de forma contundente, o impacto da desigualdade social no acesso ao ensino remoto pelas crianças das camadas populares, que não contam com acesso às tecnologias e à internet. Nesse contexto, a escola manteve-se conectada com as famílias, quase exclusivamente, por meio do Whatsapp, aplicativo de livre acesso, largamente usado no Brasil.

A iniciativa das redes públicas de utilizar esta forma de comunicação, durante o ensino remoto, mostrou-se eficaz na manutenção do vínculo de 70% das crianças com a escola, conforme evidenciam os dados da AlfaRede

(MACEDO; ALMEIDA, 2022). Por outro lado, o processo indicou claramente a impossibilidade de se alfabetizar nestas condições, sem a presença da interação síncrona e efetiva entre docente e alunos. Isso porque a interação pelo aplicativo deu-se de forma assíncrona entre a família e as professoras e, de forma indireta, com as crianças. Ou seja, o aplicativo foi utilizado para o envio e recebimento de atividades as mais variadas, desde cópias de páginas do livro didático, vídeos produzidos pelas docentes, vídeos selecionados da internet, fotografias de atividades manuscritas, até, e raramente, para a realização de chamadas em vídeo ou apenas em áudio. As crianças e suas famílias, por sua vez, enviavam, quando possível, um retorno dessas atividades (em torno de 30% das crianças não retornavam), inclusive em horários fora do turno de trabalho das docentes. São trabalhadores (e desempregados) que tiveram de enfrentar essa dura realidade para manter as condições mínimas de subsistência frente à grande exclusão social em que o país sempre viveu.

A pesquisa constatou que em torno de 30% das crianças não tinham qualquer interação com a escola. São os assim chamados “desconectados”, crianças que residem no campo, sem acesso a qualquer forma de comunicação virtual. Para esses, vimos as escolas prepararem atividades impressas, enviadas ou buscadas pelas famílias, como a única forma de se manter o vínculo criança-escola. Os relatos das docentes, nos grupos focais, evidenciam a angústia relativa à aprendizagem das crianças, antevendo os problemas, no processo de alfabetização, que enfrentariam com a volta ao ensino presencial. As docentes perceberam que a alfabetização é um processo que não é adequado ao processo de ensino-aprendizagem à distância; é preciso que a relação fala-escrita, tão própria da alfabetização, seja trabalhada e sistematizada presencialmente e não por meio de áudios e vídeos.

Desse modo, as conclusões das pesquisas relatadas neste Dossiê indicam que as condições objetivas nas quais se deu o ensino remoto da leitura e da escrita comprometeram, de forma inequívoca, a aprendizagem da leitura e da escrita, demandando que as redes de ensino realizem um diagnóstico acurado dos conhecimentos das crianças para planejar, de forma adequada e efetiva, o processo de alfabetização com o retorno presencial, após dois anos de pandemia.

O artigo **Alfabetização na pandemia da COVID-19: Um estudo etnográfico de uma turma do primeiro ano**, de *Ana Cláudia Ângelo Ávila e Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo*, teve por objetivo compreender como se deu a alfabetização numa turma do primeiro ano de uma escola pública em Minas Gerais. Por meio da realização de uma netnografia (CORREA; ROZADOS, 2017), durante o ano de 2020, vídeos, áudios e fotografias das atividades propostas pela docente foram analisados, evidenciando que o processo foi marcado por grande dificuldade da professora em acompanhar e intervir, de modo efetivo, na aprendizagem das crianças. A imposição do Plano de Estudo Tutorado (PET), do governo do Estado, agravou a situação, uma vez que não houve liberdade para a professora propor um ensino mais adequado à realidade das crianças.

O artigo **A odisseia de uma alfabetizadora em tempos de pandemia da COVID-19**, de *Gabriela Medeiros Nogueira, Janaina Soares Martins Lapuente, Caroline Braga Michel e Juliane de Oliveira Alves Silveira*, discute a prática de uma professora do Rio Grande do Sul que, diferentemente da maioria, conseguiu manter seus alunos presentes, participativos e praticamente alfabetizados ao final do ano, o que se configurou como uma odisseia. Por meio de entrevistas e análise de materiais utilizados nas aulas, as autoras concluem que o trabalho pedagógico foi realizado a partir da avaliação diagnóstica do nível de escrita das crianças e do planejamento voltado à apropriação do sistema de escrita alfabética, o qual teve, como fio condutor, a leitura de histórias literárias e jogos de alfabetização. As condições objetivas nas quais se deu a interação com as crianças foram favoráveis à realização de uma prática mais efetiva de alfabetização.

O artigo **O tempo da alfabetização em tempos de pandemia**, de *Geisa Magela Veloso, Maria Jacy Maia Velloso, Ihan Rodrigo Batista Costa e Ane Caroline Pereira da Silva*, analisa os processos de ordenação do tempo escolar, discutindo o modo como foi reconfigurado na organização das práticas de alfabetização no ensino remoto. Por meio de entrevistas com professoras do norte de Minas Gerais, constatou-se o desafio de se reconfigurar o tempo e a cultura de alfabetização, sendo identificados dois modos de organização: de um lado, o envio de atividades impressas, a serem realizadas pelas crianças com a mediação das famílias e; de outro lado, a incorporação de tecnologias

digitais à rotina da alfabetização, com aulas síncronas e novas relações professor-aluno.

O artigo **Alfabetização e docência em tempos de pandemia: palavras em diálogo**, de *Adriana Cavalcanti dos Santos, Érica Raiane de Santana Galvão, Nádson Araújo dos Santos e Viviane Caline de Souza Pinheiro*, analisa as percepções de professores alfabetizadores sobre a alfabetização e as implicações na/para a docência no cronotopo da Pandemia da COVID-19, a partir da perspectiva discursiva da linguagem, utilizando-se da metodologia do grupo focal. Os resultados indicam que os professores alfabetizadores, mediante os desafios pedagógicos impostos à docência, buscaram alternativas para minimizá-los por meio de um movimento dialógico em que saberes e práticas se ressignificaram.

O texto **Alfabetização no contexto de isolamento social no Amapá: um mapeamento**, de autoria de *Adelma Barros-Mendes, Dilene Kátia Costa da Silva e Sandra Mota*, apresenta dados sobre o ensino remoto da alfabetização no contexto da COVID-19, no Estado do Amapá. Na perspectiva quanti/qualitativa, verifica o “fazer/agir professoral” diante das condições vivenciadas pelos/as alfabetizadores/as e suas identidades refletidas na concepção do Ensino Remoto (ER). O resultado mostra um percentual significativo que julgou o ER inadequado para a alfabetização de crianças. Os maiores desafios foram a participação efetiva dos alunos, a devolutiva das atividades, a orientação das redes, a infraestrutura e o conhecimento tecnológico adequados ao ER.

O texto seguinte, **Entre máscaras, ansiedades e expectativas: desafios enfrentados por professoras no retorno ao ensino presencial** de autoria de *Sandra dos Santos Andrade, Luciana Piccoli, Marília Forgearini Nunes e Renata Sperrhake*, discute como está ocorrendo o retorno às aulas presenciais e os processos de ensino e de aprendizagem no período pós-pandemia, abordando os desafios enfrentados pelas professoras. Adota metodologia inspirada na dinâmica de grupo focal cujas análises organizam-se em três eixos: o primeiro volta-se aos aspectos socioafetivos relacionados às ansiedades das professoras com o retorno e o convívio diário na sala de aula; o segundo à necessidade de brincar das crianças, presente nos relatos; e o

terceiro enfoque investimento das professoras no estabelecimento das rotinas e na compreensão das crianças acerca das interações escolares.

O artigo **A alfabetização em tempos de pandemia: tensões, desafios e a persistência de professoras**, de autoria de *Elvira Cristina Martins Tassoni* e *Antonia Edna Brito*, tem como objetivo apresentar e problematizar o vivido por professores durante a experiência do ensino remoto emergencial e do retorno presencial, parcial e total às aulas. O recorte focaliza os estados do Piauí e de São Paulo. A pesquisa está composta por duas fases, articulando dados quantitativos e qualitativos, por meio de questionário e grupos focais. A primeira, explorando o ensino remoto, contou com 1.467 respondentes nos dois estados. A segunda explora o retorno presencial e está em andamento. As conclusões destacam as condições de trabalho, as reduzidas oportunidades de experiências com a escrita e os limites da mediação pedagógica.

O último artigo que compõe este Dossiê, intitulado **Ser professor na pandemia: “Aula ao vivo está longe de ser nossa sala de aula”**, de autoria de *Luciene Cerdas*, objetivou identificar os desafios do “ser docente” no cotidiano afetado pela pandemia da COVID-19, a partir da análise dos depoimentos de cinco docentes da educação básica de escolas da cidade do Rio de Janeiro. O texto discute a temática em diálogo com estudos que também lançam luzes sobre a docência no contexto pandêmico. Os desafios apontados pelas professoras configuram-se pelo espanto diante do inédito e o imperativo das tecnologias digitais; o atravessamento da vida cotidiana pelo ensino remoto; e a reafirmação dos aspectos imprescindíveis da educação.

Com este Dossiê, pretendemos contribuir para a formação de professoras alfabetizadoras e para o avanço da pesquisa científica sobre o que ocorreu na alfabetização durante o fechamento das escolas na pandemia da COVID-19. Consideramos que, a despeito das dificuldades enfrentadas pelas docentes, pelas famílias e pelas crianças, não existem perdas irreparáveis na aprendizagem, muito menos uma ‘geração perdida’.

Afirmamos que é preciso olhar para o futuro buscando construir estratégias de ensino e aprendizagem que viabilizem a alfabetização das crianças a partir do conhecimento que elas construíram durante os quase dois anos de ensino remoto e que não se restringe à leitura e à escrita. Para isso, devemos ampliar nossa concepção de alfabetização para avaliar e diagnosticar

os processos das crianças no pós-pandemia para além da codificação e decodificação do sistema de escrita e incluir as práticas culturais com a leitura e a escrita no sentido mais amplo.

Referências

CORRÊA, Maurício de Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 22, n.49, p. 1-18, maio/ago., 2017.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes; ALMEIDA, Ana Caroline de Almeida. O whatsapp e a organização do trabalho pedagógico no contexto da covid-19: o que dizem as alfabetizadoras em Minas Gerais. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). **Retratos da alfabetização na pandemia da COVID-19**: resultados de uma pesquisa em rede. São Paulo: Parábola, 2022. p.33-47.

Recebido em: 06/05/2022.

Aceito em: 05/12/2022.

Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo

Professora titular da Universidade Federal de São João del-Rei, líder do GPEALE (Grupo de Pesquisa em Alfabetização, Linguagem e Colonialidade). Pesquisadora do CNPq.

✉ socorronunes@ufsj.edu.br

🔗 <http://lattes.cnpq.br/6550649595912231>

🆔 <https://orcid.org/0000-0003-3103-3203>

Gilceane Caetano Porto

Professora Associada do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Vice-líder do GIPEP (Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Educação Pública).

✉ gilceanep@gmail.com

🔗 <https://lattes.cnpq.br/7254346690954765>

🆔 <http://orcid.org/0000-0001-7983-6860>